

Resgate histórico de um grupo rural de estudos das plantas medicinais: educação em saúde

Mateus Casanova dos Santos
Caroline Vasconcellos Lopes
Anelise Miritz Borges
Rita Maria Heck
Maria Cecília Lorea Leite

Resumo: Este trabalho descreve o resgate histórico de um grupo de estudos de plantas medicinais do interior rural do município de Pelotas, RS, Brasil, denominado Grupo Espinheira Santa, por meio de metodologia qualitativa e exploratória, com o uso da narrativa. A necessidade desse estudo emergiu a partir das discussões pautadas na disciplina de Saúde e Meio Ambiente, parte integrante curricular do Mestrado em Enfermagem pela Universidade Federal de Pelotas, em parceria com a Embrapa Clima Temperado, por via do projeto “Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica da região sul do RS”. Percebeu-se a necessidade de um resgate histórico dessa realidade vivida por entender como um espaço potencial de educação ambiental local, de fomentação de saberes e práticas ecológicas e de preservação do meio ambiente. Sobretudo, entendeu-se o grupo como um espaço construído socialmente para a perpetuação dos saberes sobre as plantas medicinais, saúde e organização do espaço. Como este trabalho destaca o resgate histórico do grupo a partir da percepção de uma ex-integrante, torna-se pertinente a continuidade deste estudo onde se aprende pesquisando.

Palavras-Chave: Educação popular. Antropologia. Plantas Medicinais. Narrativa.

Historical rescue of a rural studies group of medicinal plants: health education

Abstract: This paper describes the historical rescue of a study group of medicinal plants in the rural hinterland of the city of Pelotas, Brazil, Espinheira Santa Group, through qualitative methods and exploratory, with the use of narrative. The need for this study emerged from the discussions guided by the discipline of Health and Environment, part of the Nurse Masters Degree curriculum at the Federal University of Pelotas, in partnership with Embrapa Temperate Climate through the project "Bioactive Human Useful Plants by basic ecological familiar farmers in the south of RS ". Realized the need for a rescue of the historical reality experienced by understanding how a potential space for environmental education local/regional of fostering knowledge and practices of ecological and environmental preservation. Above all, it was considered the group as a socially constructed space for the perpetuation of knowledge about medicinal plants, health and organization of space. As this paper highlights the historic rescue group from the perspective of a former member, it is pertinent to the continuation of this study where one learns searching.

Keywords: Popular education. Anthropology. Herbal Plants. Narrative.

1. Introdução

O Brasil apresenta rica diversidade de flora e fauna, o que faz dele um país com recursos naturais de estima valia e de grande potencial para a botânica medicinal, esperando, segundo Júnior (1997), apenas serem testados, a custos incomensuravelmente menores (JÚNIOR, 1997).

Segundo Schiedeck (2007), a denominação plantas bioativas vincula-se a espécies vegetais que têm ação sobre outros seres vivos, manifestando efeito pela sua presença naquele espaço ou pelo uso direto de substâncias delas extraídas, mediante uma intenção ou significado humano.

De acordo com Teske e Trentini (1997), o emprego dos vegetais como alimento, medicamento ou cosmético, perde-se na história do ser humano na face da Terra, mostrando estudos da arqueologia em que há mais de 3000 anos as ervas eram utilizadas para esses fins. O mesmo autor relata que a história da fitoterapia se confunde com a história da farmácia. O descobrimento das propriedades curativas das plantas foi, no início, meramente intuitivo ou por meio de observações de outros animais que, quando doentes, buscavam nas ervas cura para suas afecções.

Ao processo do cuidado com a saúde, agrega-se pessoas detentoras do saber popular em saúde e profissionais, com a finalidade de eclodir a discussão a partir do resgate histórico de um grupo de estudos sobre plantas medicinais do interior rural do município de Pelotas, RS, Brasil. O grupo Espinheira Santa, assim denominado pelos participantes, tornou-se uma referência locorregional no Terceiro Distrito do município de Pelotas, RS, Brasil por meio do estudo botânico das plantas medicinais. Em 2003, enquanto participante convidado, estudante na área da saúde e curioso, pôde-se perceber a notável qualidade das discussões e o engajamento dos integrantes nas questões da saúde e do cuidado com o meio ambiente. Isso contribuiu com o interesse em conhecer melhor essas pessoas que são amigas da natureza e preocupadas com a saúde da comunidade. Em síntese, este grupo apresenta características próprias, onde se desenvolve o cuidado da saúde humana através do uso das plantas medicinais.

Nesse período, constituíam-se como integrantes do grupo dois técnicos agrícolas, um profissional terapeuta holístico e acupunturista, entre seis a oito agricultoras locais e um acadêmico de Enfermagem. Nos encontros, destacava-se a grande flexibilidade do grupo para aquisição de novos saberes e a interação prático-científica sobre botânica, manipulação, cultivo e uso medicinal das plantas. No ano de 2003, a partir de um convite de um morador da comunidade rural, visitou-se o domicílio de uma das integrantes do grupo, que ensinara sobre a manipulação das plantas medicinais. Neste itinerário de

aprendizagem extracurricular, acompanharam-se os atendimentos espontâneos a pessoas com transtornos de saúde por ela realizado e ajudou-se no cultivo das plantas medicinais. No momento atual, os encontros estão extintos desde meados do ano de 2008, mas o grupo ainda é referenciado pela sua integridade cultural. Isso me instigou a ampliar o estudo histórico dessa entidade enquanto grupo devido a sua representatividade social para a significação da saúde.

Com este resgate histórico, pretende-se constituir um Memorial da Comunidade a ser incorporado na biblioteca escolar da localidade que, segundo Mello (2005), vem a transformar-se em fonte de consulta e pesquisa para os educadores, educandos e comunidade. Segundo o mesmo autor, o memorial não serve apenas como local de guarda ou registro da pesquisa inicial, mas, sim, potencializa a continuidade das pesquisas sobre o entendimento da realidade, com os educandos, dando um uso cotidiano, na prática pedagógica, ao material coletado.

2. Os caminhos metodológicos percorridos na pesquisa

O estudo teve como objetivo realizar o resgate histórico do Grupo Espinheira Santa atribuindo caracterização de pesquisa qualitativa, exploratória e com caráter participante ao estudo, em que, conforme Silva e Trentini (2002), se optou pelo uso da narrativa como unidade de análise.

Entre as trilhas percorridas, fez parte da trajetória conhecer as características geográficas e sociais do território do Terceiro Distrito. Para isso, foi usado como recurso a filmagem durante as caminhadas do pesquisador para a realização das visitas programadas. A leitura de imagens leva-nos à interpretação por meio da observação, da indagação e da problematização, buscando compreendê-las e transcendê-las, identificando o universo de significados que delas podem emanar (MELLO, 2005).

No trabalho de campo, foram usados os seguintes instrumentos para produção do material empírico: entrevista semiestruturada, pesquisa documental, observação participante, diário de campo, história oral, fotografia e filmagem do local do estudo e dos encontros com os moradores interessados em participar da pesquisa.

Segundo Thiollent (2003) e Mello (2005), a pesquisa documental é parte integrante de qualquer pesquisa e pode preceder ou acompanhar o trabalho de campo, constituindo etapa imprescindível em uma pesquisa-ação.

A partir do contato prévio, entre os meses de junho, julho e agosto de 2009, visitou-se uma ex-participante do grupo Espinheira Santa, caracterizada como líder local em plantas medicinais e fitoterapia (herbanária), que mostrou interesse em participar da pesquisa. Nesse período, fez-se a coleta de dados com o aval do Consentimento Livre e Esclarecido do Participante.

A essa participante assegurou-se o anonimato e o direito de recusa ou desistência durante qualquer etapa do estudo e o livre acesso aos dados. Foram também respeitados seus valores morais, culturais e espirituais, sem que ocorresse julgamento de valores por parte do autor. Esta pesquisa integra-se ao projeto “Plantas bioativas de uso humano por famílias de agricultores de base ecológica da região sul do RS”. As atividades foram desenvolvidas com a parceria da Embrapa Clima Temperado. O processo de identificação da entrevistada se deu por meio de letras, idade e sexo. O projeto foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Medicina – UFPel, sob parecer n. 072/2007.

3. Análise dos dados

3.1 As trilhas percorridas no trabalho de campo - a poesia da Colônia na leitura da paisagem

A localidade do Terceiro Distrito do município de Pelotas, RS, Brasil, região onde a agricultura familiar é escassa e o contato com a

indústria fumageira é constante via plantio organizado de fumo pelos agricultores locais. Como as plantas medicinais permeiam essa realidade? Neste contexto, as histórias da região e do cotidiano das pessoas integrantes da comunidade rural são referenciadas neste estudo narrativo com a finalidade de aprofundar os saberes e as significações mais próximos da realidade local e à luz da ciência.

A via de acesso rotineira se dá por meio da rodovia BR-116, próximo ao quilômetro 500, onde, no início da estrada de chão, há duas frondosas árvores para acolher os visitantes. Ao percorrer cerca de trinta metros, encontramos a casa do *Vovô* (80 anos, masculino), um dos integrantes do grupo e assim conhecido pelos moradores. Carinhosamente, ele era conhecido na comunidade como o “cavalheiro caroneiro” do grupo, que oferecia carona às senhoras e aos visitantes ao término das reuniões, pois sua casa ficava próxima à rodovia, onde trafega o transporte coletivo. Quando se chega nesta localidade, se ele estiver sentado na frente da casa cevando um bom chimarrão, com certeza, irá te acenar! Isso gera uma sensação ótima de acolhimento e de boas vindas na localidade. Que riqueza encontra-se aqui, que delicadeza encontra-se lá!

Percorrendo dois a três quilômetros na mesma estrada, encontra-se uma agroindústria familiar de conservas. A seguir, a ponte sobre o riacho, local que se aproxima de outra participante do grupo, Dona H. (79 anos, feminino). Os três cães saltitantes latem calorosamente, acolhendo-nos na entrada da propriedade rural junto a quatro coqueiros, três pereiras, o pé de carvalho e a graciosa casa cor de rosa. Chega-se, assim, ao primeiro sujeito participante.

A rede tecida entre moradores da área rural participantes do grupo e pesquisador facilitou a participação e o desenvolvimento da pesquisa na localidade descrita. Segundo Capra (2002), as redes sociais levam a uma organização viva com potencial criativo gerando ideias, valores, crenças e outras formas de conhecimento com estruturas de significado (semânticas) próprias.

A partir deste movimento contínuo e em permanente análise da implicação, foi escrito este texto que se propõe a refletir provisoriamente sobre as questões da pesquisa. O texto não tem a ambição de tecer generalizações ou comparações, mas pretende ser um ponto de interlocução com pessoas que se ocupam da mesma prática, ou seja, busca compartilhar experiências com trabalhadores de saúde implicados no mesmo campo (PAULON *et al*, 1998).

Os dias frios rigorosos acompanhados das tardes nubladas desses meses formam um cenário caseiro e acolhedor desta trilha científica. Na beira do respeitado fogão à lenha, aconteceu a entrevista com H.. Antes, ela foi ajudada a tirar as roupas do varal e a captar lenhas no galpão. Nos dias da entrevista, ela tinha sobre a mesa da cozinha um vaporizador de eucalipto (*Eucalyptus spp.*) para aspergir no ambiente com a finalidade de combater o vírus gripal H1N1. Naquele momento, a essência seca, adstringente e límpida do aroma eucaliptol mesclava-se à paisagem fria, verde escura, ventosa e chuvosa, aconchegando uma conversação repleta de significados, saberes e simplicidade pela vida.

3.2 Origens e a trajetória do Grupo Espinheira Santa

Ela descreve que o grupo Espinheira Santa surgiu a partir de um curso oferecido pela EMATER/RS em parceria com um professor falecido da Universidade Federal de Pelotas. A partir de uma conversa empolgante com um técnico agrícola em meados de dezembro de 1999, foi dado o impulso gerador do grupo, como se mostra na fala:

[...] e a gente fez esse curso por causalidade.(...) Porque nós fomos para lavoura, eu e o técnico agrícola e aí ele olhou e disse: “Isso aqui é muito bom para as urina!” (o carrapicho rasteiro). Ele disse:” escuta, tu topa fazer o curso com o professor da faculdade, juntar uma turma aí?” E era perto de Natal de 1998. Eu disse: “Ué! Topo, por que não?” Aí, então, a gente fez o

curso e tudo... foi em cinco partes. A gente parte aprendeu primeiramente como que se faz um chá. Isto é muito importante. Depois, fizemos o reconhecimento das plantas no herbário [pausa para um chimarrão]. Até eu tenho uma folha ai que eu fui rabiscando. Cada reunião que tinha eu registrei o que tinha. Isso a gente pode usar. O encerramento do curso foi 28 de abril daquele ano. Foi uma coisa muito especial (H., 79a, feminino).

Com o encerramento do curso em 28 de abril de 1999, ministrado pelo conhecido professor Eugênio, falecido, deu-se início ao grupo de estudos das plantas medicinais, com características especiais de visitação às famílias dos participantes e, em seguida, de entrosamento comunitário por meio da aquisição de um espaço da própria comunidade, uma escola desativada da redondeza, como revela na fala da entrevistada:

Isso foi depois, quando fundamos o grupo. Começou do curso, passou para o grupo. Mas os grupos eram assim, a gente ia fazer visitas. Para cada uma que participava do grupo, a gente ia na casa dela fazer visita. Então, depois a gente conseguiu o coleginho pra a sede. Porque algumas não gostavam de fazer, porque então elas ficavam constrangidas, porque tinha que fazer muita faxina e muita coisa para deixar tudo pronto e os cafés que eram oferecidos por elas. Então, nada disso queriam, né?! Então ali a gente levava e fazia o café comunitário (H., 79a, feminino).

A entrevistada reforça que, nesse curso sobre plantas medicinais que antecedeu a formação do grupo, realizado entre dezembro de 1998 e abril de 1999, os alunos tiveram de fazer herbários individuais com as plantas da localidade. Ela descreve a confecção do herbário como uma tarefa muito interessante, em que ajudou as outras colegas a fazer. Durante a entrevista, ela mostrou-

me o herbário com quarenta e três espécies de plantas medicinais descritas, seguido de um breve comentário sobre cada uma das plantas em relação ao seu uso terapêutico.

Ela reforça que há na propriedade rural dela cerca de duzentas variedades de plantas medicinais. Em duas tardes de caminhada pela propriedade rural, ela mostrou-me cento e trinta plantas medicinais e bioativas de uso frequente em seres humanos, o que chama a atenção para a ampliação dos estudos etnobotânicos e farmacológicos. Durante a entrevista, ela reforçou a necessidade de maiores estudos de aprofundamento sobre cada planta no seu uso tradicional, como a Tuia (*Thuja occidentalis*) para o tratamento das neoplasias, a Cavalinha (*Equisetum sp. L.*) para o tratamento de afecções vesicais, a Espinheira Santa (*Maytenus ilicifolia*) para o tratamento de males do estômago, a Alcachofra (*Cynara scolymus*) para mau funcionamento do sistema hepatobiliar, entre outras. Estas considerações aforísticas, a partir da cosmovisão da herbanária entrevistada e tendo as reflexões de Moraes (2007) com base na Antroposofia, remetem a uma leitura da paisagem rural com *episteme* própria que promove a interlocução constante entre o homem e a natureza. Este conteúdo interpela com um entusiasmo para estudos científicos vindouros. Como este trabalho destaca o resgate histórico do grupo a partir da percepção de uma ex-integrante, torna-se pertinente a continuidade deste estudo tão prazeroso e dinâmico, onde se aprende pesquisando.

Com relação às plantas medicinais, ela reforça na fala a necessidade do estudo do reconhecimento morfológico e botânico das plantas bioativas. Ainda, revela os princípios climatológicos e naturais na interação e no cuidado com as plantas.

Então, o reconhecimento das plantas [...] porque não adianta: Ah! Eu acho! Eu acho não. Ou tem certeza ou não tem. E tudo. Pra mim, se eu não conheço que eu tenha a humildade de dizer assim, não conheço.

Porque a planta tem muita responsabilidade. Porque assim como ela é boa, ela pode ser tóxica e pode matar. Temos plantas aí que mata. E tudo... mas temos que ter o cuidado, porque quem vai trabalhar com planta tem que ter o cuidado. Ela para ser colhida, ela tem que ser colhida de manhã, depois de levantar o orvalho, não pode ter pegado o sol quente. É uma regra natural. Porque o que é secado no sol, perde muita coisa. E também a lua influencia (H., 79a, feminino).

Esse conhecimento da natureza magnifica o estudo terapêutico das plantas de uso medicinal, denotando o quanto ainda há que continuar estudando e aprimorando esses saberes.

A entrevistada relata que o grupo Espinheira Santa atualmente não se reúne mais periodicamente. As reuniões ocorriam mensalmente, em geral, na última sexta-feira de cada mês. Conforme as atas que ela mostrou, havia sobremodo registros de atividades com as plantas medicinais: cultivo, manipulação e uso tradicional. Além disso, havia a confecção de produtos de limpeza com ervas aromáticas para micose e pulgas de animais. Havia a confecção de pomadas e xarope. Ela mostrou-me fotografias das reuniões de final do ciclo anual onde vinham autoridades do poder executivo e legislativo locais prestigiar o grupo descrito. A maioria dos integrantes do grupo constituía-se de agricultoras locais do sexo feminino.

Segundo a entrevistada, o grupo apresentava uma expressiva representatividade social da região Sul. Ele participou de quatro feiras nos municípios de Canguçu, Rio Grande e Porto Alegre.

3.3 – Semeando saberes ecológicos por meio das ondas da rádio – vivências não convencionais de educação em saúde

Porém, o conhecimento sobre as plantas medicinais e o uso da natureza como terapêutica à saúde humana remonta à infância da

entrevistada e teve sua continuidade a partir do curso e do grupo Espinheira Santa. Ao se indagar sobre uma experiência de cuidado com a saúde das pessoas na sua biografia (BURKHARD, 2002), ela denota na fala a primeira vivência:

Pra ti dizer a verdade, eu não me lembro de todas e tudo... a primeira foi com a minha própria mãe, que eu peguei as formigas, com a fumentação da fermentação das formigas para água no joelho. [...] Ué! A gente pega a formiga com a fermentação dela e depois bota ela dentro de álcool e deixa ela sete dias no rigor pendurado e tudo [...] e depois afumenta o local. Eu tinha doze anos naquele tempo. Um alemão me contou aquilo e eu cheguei em casa e fiz para a minha mãe (H., 79a, feminino).

A partir dessa narrativa, emergiram outros questionamentos por parte do pesquisador acerca do uso de outros recursos naturais não convencionais para o tratamento em saúde. Entretanto, não se tem a ambição de esgotar essa fonte de pesquisa e, sim, continuar participando dessa caminhada.

Com referência à fala anterior, Moraes (2007, p.303) denota o uso dos medicamentos animais. Segundo o autor, as formigas são insetos da terra, ctônicos, mobilizadores e dissolutores, ou seja, o papel ecológico das formigas, com a reciclagem das substâncias orgânicas, é uma imagem de sua atuação terapêutica, onde trabalham como um organismo-colônia biodigestor de ação mercurial-aquariana (renovar). Então, o autor indica para a remoção de deposições e de processos degenerativos crônicos ou nas inflamações crônicas, tais como: osteomielite, artrose e artrite crônicas, o que explicaria talvez tal procedimento vivenciado pela entrevistada.

A história pessoal da entrevistada H. se confunde muito com o grupo mencionado. Ela descreve muitas outras experiências em

saúde que vivenciou individualmente na localidade, onde pessoas a procuram para atendimento em saúde não convencional. A interação entre a entrevistada e os elementos naturais da paisagem é uma notória realidade sistêmica que motiva para a necessidade de maiores estudos de aprofundamento científico.

A participante do estudo ainda relatou que continua perpetuando e fomentando o conhecimento sobre o cultivo, a manipulação e o uso terapêutico das plantas medicinais bioativas através de orientações fitoterápicas em saúde e inclusive com espaço num programa semanal em uma rádio do município de Pelotas, RS, Brasil. Com este momento, os indivíduos citadinos urbanos também podem ter acesso às informações fitoterápicas. Essa relação entre cidade e campo, urbano e rural, acontece também pelas ondas da rádio.

4. Considerações finais

A partir dessa pesquisa, tendo em vista a dificuldade territorial de acesso à localidade rural, revelaram-se as atitudes não-convencionais da manutenção da saúde das pessoas, o interesse dos moradores integrantes do Grupo Espinheira Santa para o cuidado com a saúde ambiental e o estudo da natureza ao seu redor. Estas expressões de cuidado com o território demonstram a estima pelo lugar enquanto espaço-moradia e comunidade. Estas atitudes podem ser vistas como sementes para comprometimento das próximas gerações com o seu próprio futuro e com as condições saudáveis que a natureza pode proporcionar. Conforme Santos e Rossoni (2008), essas redes tecidas organizam e participam da ecologia do território.

Marteletto (2001) argumenta que, neste processo de educação em saúde, as famílias trocam e buscam saberes sobre as plantas medicinais construindo redes compostas por indivíduos, grupos ou organizações, e sua dinâmica está voltada para a perpetuação, a

consolidação e o desenvolvimento das atividades dos seus membros, das quais faz parte conhecer plantas, saber suas potencialidades ou propriedades medicinais. Os movimentos destas famílias são dinâmicos, complexos, têm características peculiares que variam de acordo com o tempo, espaço e as relações estabelecidas na prática cotidiana e social.

Ainda há muito mais o que conhecer e destacar sobre a fitoterapia a partir deste ensaio narrativo. O conhecimento é muito diversificado e necessita de constante análise científica e de admiração pela natureza curadora. Essa foi a grande receita que a entrevistada semeou neste solo narrativo: a admiração, o respeito, o estudo, a veneração e o cuidado com as plantas de uso medicinal à saúde humana. Enquanto profissional de saúde, percebe-se que precisamos de mais pessoas preocupadas com a saúde preventiva, tendo em vista a complementaridade, a eficiência operacional com baixo custo à manutenção da saúde e ao cuidado ambiental, integrando homem e natureza em prol da qualidade de vida e sustentabilidade ecológica. Esses princípios perpassam a atual necessidade ecológica no cuidado com o mundo natural e cultural, atingindo sobremaneira a educação e a saúde nas comunidades urbanas, rurais e científicas.

Referências

BURKHARD, Gudrum. *Bases antropológicas da metodologia biográfica: a biografia diurna*. São Paulo: Antropológica, 2002.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas*. São Paulo: Cultrix, 2002. 296p.

JÚNIOR, A.A.S.. *Plantas Medicinais e Aromáticas* CD-ROM. Governo do Estado de Santa Catarina da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina. Administração Regional de Itajaí. Estação Experimental de Itajaí. Itajaí: 1997.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.30, n.1, p.71-81, 2001.

MELLO, Marco. *Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto*. Porto Alegre: Ed. Isis; Diálogo-Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2005. 108p.

MORAES, Wesley Aragão de. *As bases epistemológicas da medicina ampliada pela antroposofia*. 2 ed. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica, 2007.

PAULON, S.M.; et al. *A Cidade e a Pesquisa-intervenção como Dispositivos para a Desinstitucionalização da Loucura*. Trabalho apresentado no IV Congresso Internacional de Saúde Mental e Direitos Humanos – 10 a 13 de novembro em Buenos Aires, 1998.

RIBEIRO, Freed Vieira. O papel do território como estratégia de desenvolvimento de regiões rurais. *Campo-Território*, Fortaleza, v.2, n.4, p.38-59, ago.2007.

SANTOS, Mateus Casanova dos; ROSSONI, Eloá. Tecendo redes na construção de práticas ecológicas urbanas no território de uma unidade básica de saúde. *Boletim da Saúde*, v. 22, n. 1, p.19-29, 2008.

SCHIEDECK, Gustavo. et al. Saber popular como elemento primordial para trabalhos em Agroecologia. *Revista Brasileira de Agroecologia*, v.2, n. 2, out., 2007.

SILVA, Denise Guerreira Vieira da; TRENTINI, Mercedes. Narrativa como técnica de pesquisa em Enfermagem. *Revista Latino-Americana em Enfermagem*, v.10, n.3, p.423-32, mai-jun, 2002.

TESKE, M.; TRENTINI, A.M.. *Herbarium compêndio de fitoterapia*. 3 ed. Curitiba, 1997. 317p.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 12 ed.. São Paulo: Cortez, 2003.

Mateus Casanova dos Santos é Professor Assistente da Universidade Federal do Rio Grande e da Faculdade Anhanguera Educacional Pelotas. Especialista em Saúde Coletiva. Especialista em Acupuntura e Eletroacupuntura. Mestre em Enfermagem/UFPel.

Email: mateuscasanova@ig.com.br

Caroline Vasconcellos Lopes é Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Email: carolinevaslopes@gmail.com

Anelise Miritz Borges é Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Email: miritzenfermeira@yahoo.com.br

Rita Maria Heck é Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFPel.

Email: heckpillon@yahoo.com.br

Maria Cecília Lorea Leite é Doutora em Educação. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFPel.

Recebido em maio de 2010

Aceito em dezembro de 2010